



CENTRO DE HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE LETRAS/LÍNGUA PORTUGUESA

RAFAELLE BARBOSA GRANDIM

**LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA E O LETRAMENTO LITERÁRIO:
UMA PERSPECTIVA PARA O ESTUDO DE POESIA PARA ALÉM DO
SUPORTE LIVRO EM SALA DE AULA**

REDENÇÃO/CE

2018

RAFAELLE BARBOSA GRANDIM

LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA E O LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA
PERSPECTIVA PARA O ESTUDO DE POESIA PARA ALÉM DO SUPORTE LIVRO
EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Letras-Língua Portuguesa da
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira, como
requisito parcial para obtenção do título
de Docência na Licenciatura em Letras-
Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. André Telles do
Rosário.

REDENÇÃO/CE

2018

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Grandim, Rafaelle Barbosa.

G781

Literatura Marginal-Periférica e o Letramento Literário: uma perspectiva para o estudo de poesia para além do suporte livro em sala de aula / Rafaelle Barbosa Grandim. - Redenção, 2018.

62f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto De Humanidades E Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

Orientador: Prof. Dr. André Telles do Rosário.

1. Literatura Marginal-Periférica. 2. Poesia. 3. Letramento literário. I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 800

RAFAELLE BARBOSA GRANDIM

LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA E O LETRAMENTO
LITERÁRIO: UMA PERSPECTIVA PARA O ESTUDO DE POESIA
PARA ALÉM DO SUPORTE LIVRO EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito necessário para a obtenção do título de licenciado em Letras-Língua Portuguesa.

Aprovado em: 15/05/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. André Telles do Rosário (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



Profa. Dra. Jo-Ami (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



Prof. Dr. Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico este trabalho aos meus pais que jamais me negaram ou me deixaram faltar o essencial: amor, caráter e educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, pelo sopro de vida e por ter me conduzido com sua luz divina;
Agradeço à minha mãe, minha melhor definição de amor, pela força, pelos ensinamentos e pelos sacrifícios que fez para que eu chegasse até aqui;
Agradeço à toda minha família, pelo incentivo e compreensão das “ausências”;
Agradeço a todos os meus professores, por acreditarem em mim mesmo quando eu não fui capaz e por me ensinarem que vale à pena sonhar;
Agradeço às amigas por serem minhas asas quando eu tive medo de voar;
Agradeço à Unilab por ser espaço de aprendizagem e conquistas;
Agradeço à Literatura Marginal-Periférica por me fazer pensar e a poesia por ser minha eterna fonte de prazer;
Agradeço especialmente ao meu orientador, Prof. André Telles do Rosário pelo carinho, pela força, pela paciência, por me encorajar nas dificuldades, por acreditar; por ter sido o sol, aquecendo e iluminando meus pensamentos e as ideias deste trabalho.
A todos o mais profundo agradecimento!

Se você abandona seus sonhos,
a vida se torna um pesadelo.

Ou

A verdadeira arte não embala os adormecidos.
Desperta-os.

(Sérgio Vaz)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal refletir sobre a proposta e o resultado de um experimento pedagógico realizado com estudantes de segundo grau de escolas públicas de Redenção e Acarape, em que o método de Letramento Literário desenvolvido por Rildo Cosson foi aplicado para a apresentação de obras de poesia de autores da chamada Literatura Marginal-Periférica, especialmente a obra de Sérgio Vaz. Destaca-se sua relevância pela necessidade de trabalhar a literatura de maneira significativa, que seja capaz de incentivar os estudantes a ampliar seus horizontes por meio da leitura. Os resultados apontam que a vertente literária em questão pode contribuir com a formação do leitor facilitando o processo de letramento e desenvolvendo a autonomia na busca por maiores conhecimentos literários, além disso, colabora na compreensão de que a literatura é uma arte que se realiza para além do suporte livro.

Palavras-chave: Literatura Marginal-Periférica; Poesia; Letramento Literário.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. Letramento literário: por um ensino significativo da literatura	13
1.1. Internet e as redes sociais	15
1.2. Performance/sarau	16
2. Literatura Marginal-Periférica	18
3. Experiência	
3.1. Literatura Marginal-Periférica e o letramento literário: os desafios	22
3.2. Primeira oficina: “Quem são essas vozes?”	26
3.3. Segunda oficina: “Poeta da periferia	30
3.4. Sarau poético: “Agora é a nossa voz!”	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXO 01	39
ANEXO 02	55

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce da ligação entre o amor pela poesia e as inquietações no que concerne ao meu campo de atuação, como futura docente. A literatura sempre me atraiu. A palavra esteticamente sendo elaborada. Ela e seus desvios, suas transformações, suas representações, seu poder humanizador. Através dela descobrimos universos simbólicos e cheios de significados. Por meio dela nos permitimos sonhar. Em novembro de 2015, retornando de uma greve, demos continuidade a disciplina de “Literaturas em Língua Portuguesa IV”¹ do 7º trimestre do curso de Letras. Nesse momento entrei em contato e ouvi falar, pela primeira vez, daquilo que seria objeto da minha atenção e do meu prazer, bem como, de tantas e relevantes reflexões: a Literatura Marginal. Tal literatura me chamou atenção por se distanciar do tipo de poesia na qual estava acostumada, das quais sentia dificuldade para compreender. No entanto a linguagem acessível e as temáticas me mostraram uma poesia que não se encontrava apenas nos livros, mas na minha própria vida.

O termo “Literatura Marginal” surge na década de 1970 para designar as obras literárias que são produzidas à margem do mercado editorial, em que os autores realizam cópias mimeografadas de seus trabalhos, sendo também denominada de “geração mimeógrafo”, trata-se de escritores que, no cenário da ditadura militar, mostram e produzem uma literatura irreverente e irônica, longe dos padrões acadêmicos e distante da literatura canônica, a escrita desses autores se distingue pela linguagem coloquial, leve, descontraída, com o uso de gírias e palavrões. Destaca-se nesse contexto, a produção e distribuição independente de livros em meios alternativos como bares, praças e teatros, pelos próprios autores, que de certa forma contribui com uma aproximação entre autor e leitor.

Sabemos que a Literatura mantém uma relação estrita com a História, assim, a partir dos anos 1990, com o crescente índice de violência e exclusão social no país, a expressão “Literatura Marginal” adquire novas modalidades, assumindo o papel de “dar voz” aos grupos sociais e sujeitos pertencentes aos espaços tidos como “marginais” e em situações de marginalidade.

1 Disciplina na época ministrada pelo Prof. Dr. André Telles do Rosário pesquisador da Literatura Marginal e responsável por me apresentar a mesma.

É a respeito dessa recente apropriação que Érica Peçanha do Nascimento discorre na dissertação *“Literatura marginal”*: os escritores da periferia entram em cena, segundo a autora há três significados associados a marginalidade na literatura:

O primeiro significado se refere à produção dos autores que estariam à margem do corredor comercial oficial de divulgação de obras literárias – considerando-se que os livros se igualam a qualquer bem produzido e consumido nos moldes capitalistas – e circulariam em meios que se opõem ou se apresentam como alternativa ao sistema editorial vigente. O segundo significado está associado aos textos com um tipo de escrita que recusaria a linguagem institucionalizada ou os valores literários de uma época, como nos casos das obras de vanguarda. Enquanto o terceiro significado encontra-se ligado ao projeto intelectual de reler o contexto de grupos oprimidos, buscando retratá-los nos textos (NASCIMENTO, 2006, p. 11).

Com a crescente disseminação dessa literatura no cenário cultural e do seu caráter conscientizador e politizador, podemos refletir sobre sua importância e aplicações no contexto escolar, dado a necessidade de termos uma multiplicidade, que abranja não só a literatura canônica como também abra espaços para as mais diversas vertentes do campo literário. Temos, portanto, autoras como Mei Hua Soares que, em sua dissertação *A literatura marginal-periférica na escola*, discute a pertinência da inserção dessa literatura na esfera educacional.

Depreendeu-se do estudo de Soares (2008) que o valor maior das obras marginal-periféricas estaria relacionado à representatividade social e à apropriação da escrita por grupos historicamente desfavorecidos, o que ocasionaria identificação por parte do leitor. Identificação que também será comprovada pela autora Maria Isabel M. T. de Gavino Dias em sua dissertação - *LITERATURA MARGINAL, uma proposta de leitura para formação de futuros leitores: A literatura pode fazer parte da vida dos alunos, pois a vida dos alunos faz parte da literatura* – em que aborda formas de leitura em sala de aula com textos da Literatura Marginal do escritor Ferréz, um dos principais representantes desse movimento. A autora apresentou como objetivo discutir “se” e “como” algumas atividades de leitura desenvolvidas nas escolas onde leciona, poderiam ser fator para tornar os alunos futuros leitores. Segundo ela “a literatura de Ferréz facilitaria interagir com a clientela que vive uma realidade bastante diferente da de seus professores” (DIAS, 2010, p.30), uma aposta que se mostrou ser um caminho possível

de trilhar. Os resultados apontaram que a leitura de textos conhecidos como Literatura Marginal foram bastante importantes para as turmas, pois situações, personagens e linguagem são familiares aos alunos, que passaram a interagir mais, melhorando, aos poucos, a interpretação e a compreensão dos textos. Acredita-se que com esta prática contínua, pode-se ter além de futuros leitores, leitores competentes.

Partindo desses pressupostos, estabelecemos como hipóteses que a leitura de textos da Literatura Marginal-Periférica funciona como instrumento facilitador do processo de letramento literário com poemas em sala de aula; desenvolve a autonomia dos estudantes na busca por maiores conhecimentos literários; colabora reconstruindo a imagem da poesia para algo mais cotidiano e acessível; além de contribuir na compreensão da literatura como uma arte que se realiza para além do suporte livro.

Dessa forma, esta monografia tem como finalidade refletir sobre a investigação feita a partir do trabalho com poemas dessa vertente em sala de aula. Para isso foi utilizada a metodologia da pesquisa participante. De acordo com Maria Luisa Sandoval Schmidt:

O termo participante sugere a controversa inserção de um pesquisador num campo de investigação formado pela vida social e cultural de um outro, próximo ou distante, que, por sua vez, é convocado a participar da investigação na qualidade de informante, colaborador ou interlocutor. (SCHMIDT, 2016, p.14).

Articula-se, assim, o conhecimento científico com as vivências dos sujeitos envolvidos, segundo Brandão, “a pesquisa participante é propriamente inventada e rompe, até certo ponto, com a tradição etnográfica inaugurada pela Antropologia que, embora “mergulhasse” no mundo do outro, desobrigava-se “das questões efetivamente sociais das condições de vida dos *outros*”” (BRANDÃO, 1999, p.12 apud SCHMIDT, 2016, p.15).

Alia-se a este método, à proposta de letramento literário desenvolvida por Rildo Cosson em sua obra *Letramento Literário: teoria e prática*. Para isso, promovemos oficinas visando o estudo de poesias, ampliando a compreensão da literatura para além do suporte livro, em direção à performance e aos saraus, bem como em direção à internet (redes sociais), buscando um letramento literário consciente da importância do suporte na literatura.

Considerando esses aspectos, acreditamos poder contribuir com um ensino significativo de literatura, em que ser leitor é mais do que uma mera decodificação de palavras, é uma maneira de expandir sentidos e visões do mundo, tendo como princípio básico a própria experiência do leitor com a obra. Além disso, destacamos a oportunidade de testar ações que possam aprimorar a formação do pesquisador, refletindo assim, na melhoria das práticas docentes como um todo.

O trabalho está dividido em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, discutiremos a relação entre a educação e o ensino de literatura, trazendo o letramento como uma forma de sistematizar esse ensino e conduzir os estudantes a uma aprendizagem significativa. O segundo capítulo apresentará a Literatura Marginal-Periférica, bem como o autor e as obras que serão utilizadas. Em seguida, no terceiro capítulo buscaremos analisar a experiência realizada, à luz das questões desenvolvidas ao longo do trabalho.

1. Letramento literário: por um ensino significativo da literatura

A leitura está presente em todos os momentos das práticas escolares, no entanto, com frequência, presenciamos apenas uma decodificação do código linguístico sem nos atermos a uma verdadeira compreensão e/ou como um exercício puramente avaliativo com “cobranças” que terminam por cessar o prazer e o gosto pelo ato de ler. Por isso é necessária uma atenção especial para essa prática, principalmente, se levarmos em conta que, segundo os dados da UNESCO, pouquíssimas pessoas possuem o hábito da leitura. Algo que é muito importante, pois os estudos compilados pelas autoras Thaís de Oliveira e Renata Antunes “mostram que lemos pouco, e menos de 20% do que lemos são destinados à leitura de livros e textos literários. Os outros 80% são livros que lemos na escola ou em casa para aprender algo específico” (OLIVEIRA; ANTUNES, 2013, p. 65).

O que, por vezes, se coloca em questão seria a utilidade dessa literatura na vida dos estudantes, em vista de uma aprendizagem significativa, dentro e fora do contexto escolar, que associe a realidade concreta aos conteúdos programáticos de cada disciplina. Para Antonio Candido “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar

forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (1995 apud COSSON, 2016, 15). O exercício desse caráter humanizador pode proporcionar um conhecimento de si e da realidade a qual pertencemos, pode ampliar nossa compreensão do mundo. Isso porque, de acordo com Rildo Cosson:

A literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura podemos ser outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção (COSSON, 2016, p.17).

As práticas educativas desenvolvidas em torno da literatura precisam considerar os educandos como sujeitos ativos e gerar neles o desejo de conhecimento. Os estudantes precisam se sentir atraídos pela obra literária. Precisam ser tocados pelas palavras para que estas possam ganhar sentidos. Porém, para que se cumpra esse papel, é necessário desmistificar alguns mitos no que diz respeito ao ensino dessa literatura, de acordo com Cosson, a primeira dessas pressuposições é de que “os livros falam por si mesmos ao leitor” (COSSON, 2016, p.26); contudo assim como os fatos os livros também não falam por si, mas são revelados por meio dos mecanismos de interpretação, geralmente, aprendidos na escola. A segunda é a de que “ler é um ato solitário” (*Idem*, p.27); mesmo quando a leitura é feita individualmente, sua interpretação é constituída de um compartilhamento de visões e sentidos entre uma coletividade situada num espaço e num determinado contexto. Há também a ideia de que “é impossível expressar o que sentimos na leitura dos textos literários” (*Idem*, p.28), todavia até mesmo as experiências mais místicas são de alguma maneira repassadas; e por fim a de que “a leitura literária destruiria a magia e a beleza da obra ao revelar os seus mecanismos de construção” (*Idem*, p.28), no entanto, vemos que esse tipo de atitude mais afasta os estudantes da literatura do que aproxima-os, “a análise literária, ao contrário, toma a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos” (*Idem*, p.29).

“Se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler” (*Idem*, p.29), temos que proporcionar experiências que os capacitem a ir além da simples leitura, temos que reconstruir esse ensino e aprendizagem para algo mais cotidiano e acessível. A partir disso, buscamos ultrapassar tais desafios trabalhando o texto poético como uma arte que se realiza não só através do livro, mas que abrange tanto a internet e as redes sociais quanto as transmissões vocais interpessoais, como os saraus e as performances.

1.1. Internet e as redes sociais

As gerações contemporâneas possuem uma nova visão sobre o mundo diferente de muitos que não nasceram na mesma era, as pessoas não vivenciam mais as mesmas relações de espaço e tempo devido o advento da globalização e das novas tecnologias. Há sempre uma profusão de informações que devem ser associadas e compreendidas simultaneamente, isso altera não só as relações pessoais, mas também a vida em sociedade. As tecnologias e as inovações das redes sociais estão presentes em todos os ambientes, construindo novos conhecimentos e influenciando diretamente no comportamento das pessoas, em especial, dos mais jovens.

A escola como espaço formativo deve procurar compreender essas novas relações e aplicar em suas práticas essas inovações tecnológicas, principalmente, como uma maneira de incentivar os estudantes a serem sujeitos do seu próprio processo de aprendizagem. A internet e as redes sociais são usadas como meio virtual de comunicação e acesso às mais diversas informações, por isso mesmo, tem sido um dos ambientes mais frequentados na atualidade. A escola não deve tentar excluir essas ferramentas no processo de ensino e aprendizagem, mas encontrar formas de implementá-las em seu currículo.

Destacamos a importância que a internet tem para a literatura, constituindo-se como um dos seus principais suportes e forma de divulgação. Muitos autores têm encontrado nos sites e nas redes sociais o reconhecimento de um vasto público, que encontra nesse campo um fácil acesso e compartilhamento, permitindo ao leitor uma

aproximação maior de suas obras e produtos bem como seus posicionamentos ideológicos e políticos. Cabe lembrar que alguns desses autores da Literatura Marginal-Periférica além do engajamento com a literatura possuem outros projetos e movimentos culturais e sociais que trabalham o fortalecimento de uma coletividade e a promoção de uma “cultura da periferia”, o que novamente traz a internet como um instrumento de legitimação da imagem e da trajetória desses autores.

A exemplo disso temos o poeta Sérgio Vaz, que será melhor apresentado nos próximos capítulos desta monografia, por enquanto, vale destacar que tem seu trabalho amplamente divulgado pelos sites, e perfis do Facebook e Instagram. Sérgio alimenta diariamente suas páginas e feeds das redes sociais com suas poesias e textos; com o incentivo à leitura, seja por meio de seu próprio trabalho ou pela apresentação de obras e o trabalho de outros autores e artistas de modo geral, além de divulgar eventos, palestras, rodas de conversa e bate-papo dos quais participa. O principal evento que organiza é o sarau da Cooperifa, que acontece semanalmente na periferia de São Paulo, tendo, portanto, ampla divulgação.

Diante disso, é inegável o papel da educação no direcionamento para um uso consciente da internet e das redes sociais, que seja capaz de usá-las como suporte no ensino e na aprendizagem, em especial, da poesia e das diversas literaturas.

1.2. Performance / sarau

Paul Zumthor em seu livro *Performance, recepção, leitura* irá denominar “performance” como “um momento privilegiado da recepção” (2000, p.59), constituindo-se assim, uma maneira de forjarmos o verdadeiro encontro entre leitor e obra, tão significativo para o ensino literário. Segundo o autor:

A performance é ato de presença no mundo e em si mesma. Nela o mundo está presente. Assim, não se pode falar de performance de maneira unívoca e há lugar aí para definir em diferentes graus, ou modalidades: a performance dita, gravada pelo etnólogo num contexto de pura oralidade, depois uma série de realizações mais ou menos

claras, que se afastam gradualmente desse primeiro modelo (ZUMTHOR, 2000, p.79).

A performance pode ser assim uma forma de trazer a literatura para além do livro, como uma arte que se realiza de diferentes maneiras, desde “um texto poético escrito” à “um texto transmitido oralmente, a diferença só reside na intensidade da presença” (ZUMTHOR, 2000, p.80).

Nas palavras de Zumthor (2000, p.73), “não se pode duvidar de que estejamos hoje no limiar de uma nova era da oralidade, sem dúvida muito diferente do que foi a oralidade tradicional; no seio de uma cultura na qual a voz, em sua qualidade de emanção do corpo, é um motor essencial da energia coletiva”, a exemplo disso, temos os saraus, que de acordo com Alejandro Reyes:

Funcionam como pontos de politização, onde a palavra não é apenas lúdica, fonte de prazer e de expressão, mas, sobretudo, de articulação e reivindicação. São espaços onde novos sujeitos – individuais e coletivos, políticos e sociais – vão se construindo, através do diálogo, da troca, do conhecimento, e sobretudo, da certeza de ser com dignidade lá onde a dignidade sempre foi negada (REYES, 2011, p.4).

Dessa forma, ao propor a realização do sarau trabalhamos a leitura e a poesia não apenas como simples abstrações, mas uma forma de amadurecer e construir a autonomia, essencial para o processo de aprendizagem, em que os estudantes se apropriem das obras e do próprio processo de leitura, tornando-se leitores competentes, sujeitos ativos e capazes de se reconhecerem dentro de uma comunidade, para Rildo Cosson:

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos (COSSON, 2014, p. 120).

Por essa razão, as atividades e trabalhos com foco na leitura têm ganhado cada vez mais destaque no ambiente escolar, de acordo com as autoras Thaís de Oliveira e Renata Antunes (2013, p. 65) “É preciso adotar a concepção de leitura como prática

social e conseqüentemente o letramento como foco principal, o que é, neste momento, e provavelmente para sempre, de suma importância para a educação brasileira”.

Escolhemos a Literatura Marginal-Periférica, pois acreditamos que ela possa contribuir com a formação do leitor, facilitando o processo de letramento literário. No próximo capítulo, faremos uma explanação dessa literatura e seus elementos.

2. Literatura Marginal-Periférica

A expressão “Literatura Marginal” vem sendo designada para denominar o conjunto de obras e artistas que estão lançando seus produtos à margem, seja da sociedade, do mercado editorial, dos padrões e valores estéticos das academias. A autora Érica Peçanha do Nascimento em sua dissertação de mestrado estabelece uma dupla perspectiva para se referir a apropriação dessa expressão por parte dos escritores da periferia, de um lado estão os aspectos relacionados à produção e à circulação de seus produtos literários, de outro os signos culturais que dizem respeito à construção e divulgação de uma “cultura da periferia”.

Nas décadas de 1960-1970, o termo marginal surgiu da ação de escritores que adotaram uma postura de resistência cultural veiculando seus textos por meio de cópias mimeografadas e vendidos nas ruas, em praças, nos cinemas, nos bares, etc; daí ficarem conhecidos por “geração mimeógrafo”. A literatura produzida por esses autores buscava subverter os padrões restritivos do regime militar, construindo uma rede de laços e organizações que envolviam a música, o cinema, o teatro e a literatura.

Apesar de percebermos as influências e laços estabelecidos com essa geração, pretendemos realçar os escritores pertencentes a uma nova modalidade dessa vertente, surgidos a partir da década de 1990. Este movimento já existia em São Paulo, mas ganhou expressão nacional com a publicação das três edições especiais, da revista de circulação nacional *Caros Amigos*, intituladas *Caros Amigos / Literatura marginal: a cultura da periferia*, organizadas pelo escritor Ferréz. Assim como a autora Mei Hua Soares, em sua dissertação, acrescentamos a palavra periférica na tentativa de restringir e melhor definir o gênero a ser estudado. Segundo Soares:

Assim como os textos marginais estão às margens do legitimado, também os textos periféricos encontram-se na periferia do canônico. As duas concepções literárias detêm o duplo sentido: trata-se de literatura “não-autorizada”, feita por aqueles que estão excluídos sócio-economicamente e culturalmente (cultura erudita) (SOARES, 2008, p.87).

Dessa forma, nota-se que a expressão “Literatura Marginal”, de maneira isolada ou combinada, demonstra uma situação de marginalidade (social, editorial ou jurídica) vivenciada pelo autor e as características internas de seus produtos, sejam porque divergem do padrão culto da língua ou porque retratam o que é peculiar aos espaços tidos como marginais, em especial as periferias. A autora Érica Peçanha na tentativa de demarcar as diferenças entre a geração dos anos 1970, com escritores mais de classe média e alta, em maior número do Rio de Janeiro; da atual, de classe baixa e média, das periferias de São Paulo e de outras cidades, afirma a respeito da nova geração que: “é o projeto intelectual comum que nos permitiu distingui-los de outros escritores que poderiam ter suas obras associadas ao adjetivo marginal no cenário contemporâneo” (NASCIMENTO, 2006, p.173).

Para o autor Alejandro Reyes a Literatura Marginal-Periférica:

[...] vem tendo uma presença cada vez mais forte no imaginário, nos discursos e nas representações da produção cultural brasileira nas últimas décadas. Mas estas representações quase sempre foram externas, o olhar da cultura dominante e da classe média sobre o “outro” subalterno. A diferença, agora, é que essas representações são feitas pelos próprios protagonistas: uma auto narrativa dos próprios sujeitos, com a implícita ou, às vezes, explícita pressuposição de que só através dessas vozes é possível transformar esses produtos culturais em fiéis veículos para a compreensão dessa alteridade. “Não somos o retrato”, escreve Ferréz, “Pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto (Literatura 9)” (REYES, 2011, p.7).

Pressupomos que a Literatura Marginal-Periférica pode contribuir no processo de letramento literário, pois como bem indica o autor, são os próprios sujeitos que escrevem e narram suas histórias, daí a utilização de temas que tratam do cotidiano, seja

das ilusões perdidas através de um amor posto ao fim ou da dura existência dos que batalham para sobreviver; personagens que dão vozes aos que são diariamente silenciados; situações que representam a realidade vivida por muitos; a linguagem, como uma forma não apenas de registro, mas como uma reivindicação do próprio ser, ainda nas palavras de Reyes:

[...] a língua, em particular a escrita, sempre foi instrumento do poder e mecanismo de dominação na história da América Latina. Se reivindicar a escrita – da qual as populações marginalizadas sempre foram, de uma forma ou outra, excluídas – já é ato corajoso, muito mais é fazê-lo na própria linguagem periférica, estigmatizada como sinal de ignorância e descartada como matéria prima para a construção de uma Literatura digna desse nome (REYES, 2011, p. 92).

Nossa hipótese é que ao se identificarem com esses elementos os estudantes demonstrem maior interesse pelo estudo dos poemas que foram analisados, contribuindo para o processo de aprendizagem e autonomia, além de reconstruir a imagem da literatura, em especial da poesia, para algo mais acessível.

Os poemas analisados foram selecionados das obras *Colecionador de Pedras e Flores de Alvenaria*, do poeta e agitador cultural Sérgio Vaz, publicadas pela editora Global, na coleção Literatura periférica. A primeira trata-se de uma antologia poética, em que o autor compartilha das dores de um povo injustiçado e persuade o leitor a sair da mediocridade e a lutar contra os diversos tipos de repressão. Já a segunda obra é composta em sua maioria de poemas contendo também algumas crônicas, em que continua a falar pelos que não são ouvidos e representar aqueles que vivem nas vielas deste país. Além disso, o poeta também prestigia diversos artistas e personalidades que fazem frente a esta luta.

Vale lembrar que a escolha deste autor não se deu de forma aleatória, mas por se tratar de um poeta que vem se destacando no cenário da Literatura Marginal-Periférica, Sérgio Vaz, como costuma se denominar, é “poeta da periferia” e condutor de um dos maiores eventos culturais presentes na favela, o sarau da Cooperifa², que acontece às

2 Segundo Érica Peçanha do Nascimento (2006, p.135) o sarau é o principal atrativo da “Cooperativa Cultural da Periferia”. Idealizada e organizada pelos poetas Sérgio Vaz e Marco Pezão, a Cooperifa nasceu das reuniões mensais de um grupo de amigos artistas de Taboão da Serra para

quartas-feiras no bar do Zé Batidão, Rua Bartolomeu dos Santos, 797, Jardim Guarujá, periferia de São Paulo (SP) e tem servido de inspiração para muitos eventos do mesmo tipo em várias periferias do país. Mora em Taboão da Serra (SP), lugar que o autor adotou como lar desde os cinco anos de idade quando migrou de Lagoinha (MG) com a família. Sérgio também é responsável pelo projeto “Poesia contra violência”, em que incentiva à leitura e a criação poética e bate um papo sobre literatura nas escolas da periferia. Participa de eventos, palestras, entrevistas, já recebeu prêmios como Trip Transformadores e Heróis Invisíveis, dentre suas principais obras temos *Literatura, pão e poesia (2011)*, livro de crônicas, também pela Global Editora.

A realidade da sociedade brasileira tem conduzido a população a viver num ambiente cada vez mais precário e desprovido de direitos, em que a violência, seja ela física ou simbólica, tem desenvolvido “uma incapacidade cada vez mais impermeável de ver o outro e de entender as formas de vida, lutas, sonhos e esperanças daqueles que estão do outro lado do muro. Daí a urgência de uma mediação capaz de quebrar esse ciclo de isolamento, preconceito e indiferença” (REYES, 2011, p.51).

Neste sentido, ensinar exige muito mais do que repassar conteúdos, requer, de acordo com Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia da autonomia*, (2014, p. 100) “uma tomada de posição. Decisão. Ruptura”, tão importante quanto saber os movimentos literários é descobrir como esses movimentos podem despertar a curiosidade e a consciência crítica dos alunos. É fundamental que eles sejam conduzidos a perceber a educação como uma forma de intervenção, uma maneira de mudar a própria realidade, bem como a sociedade na qual estão inseridos, por isso, o letramento literário atinge não só a sala de aula, mas conduz o estudante à uma verdadeira autonomia, para Paulo Freire:

A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. [...] A gente vai amadurecendo todo dia ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências da liberdade (FREIRE, 2014, p. 105).

É nesse contexto de liberdade que propomos uma experiência na tentativa de investigar como a Literatura Marginal-Periférica pode estimular o processo de letramento literário desenvolvido na escola. No próximo capítulo faremos uma análise dessa experiência, sobre os desafios e dificuldades que foram enfrentados, mas sobretudo, sobre as possibilidades e caminhos que já estão sendo desbravados.

3. Experiências

3.1. Literatura Marginal-Periférica e o letramento literário: os desafios

Muito se tem discutido sobre o papel da escola na formação humana dos indivíduos. Tais reflexões são acompanhadas pelas dificuldades que a educação tem enfrentado ao longo das gerações. Para entender melhor esses desafios precisamos lembrar os objetivos do trabalho escolar. Segundo o pedagogo Dermeval Saviani:

[...] ato de produzir, direto e intencionalmente, em cada indivíduo, singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens. Assim, o objeto da educação diz respeito de um lado à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI,1991, p. 21 apud FORGIARINI; SILVA).

Percebemos que a escola se propõe a transmissão e assimilação de um saber sistematizado, elaborado, sendo uma das suas primeiras exigências aprender a ler e escrever, processo que, por vezes, exigirá uma certa mecanicidade na apropriação e incorporação desses saberes, ou seja, o que se coloca em questão não é o fato da sistematização dos conhecimentos, mas como que a educação tem buscado ampliar seus objetivos de forma a promover a humanização. Não basta transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua produção. Para Paulo Freire (2014, p.68) nós “mulheres e

homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de *aprender*. Por isso, somos os únicos em quem *aprender* é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a *lição dada*". Precisamos de uma educação que supere o que Freire chama de ensino "bancário", em que conteúdos são meramente depositados, precisamos estimular a capacidade dos educandos de arriscar-se, de aventurar-se, a questionar, de forma a subverter tais práticas.

É nesse contexto que se coloca a relação entre literatura e educação, uma vez que notamos o uso da literatura como matéria educativa no decorrer da história, as tragédias gregas, por exemplo, tinham como principal intuito educar socialmente e moralmente o povo (COSSON, 2016, p.20). Dessa forma, a literatura pode servir tanto para ensinar a ler e escrever como para formar culturalmente. Para Antonio Candido:

[...] a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CANDIDO, 1988, p.191)

Nesse sentido, selecionamos³, primeiramente, numa escola da rede pública estadual, uma turma de 2º ano do ensino médio, como atuantes da pesquisa em questão. Pretendíamos, no primeiro momento, como explicamos em nossos objetivos, investigar possibilidades de trabalharmos a Literatura Marginal-Periférica respaldada pelo letramento literário. Aplicamos um questionário com questões abertas em que os alunos

3 Destaca-se aqui a participação e envolvimento da amiga e parceira de curso Maria Dayanne Sampaio, que acompanhou o despertar das primeiras ideias deste projeto bem como participou de sua concretização. Dayanne, graduada do curso de Letras (UNILAB), mantém estreita relação com a literatura e a poesia. Movida pelas palavras, escreve poemas e, enquanto entusiasta, faz parte da organização do PraÇarau!, sarau criado a partir das ideias do aluno Ivanick Lopandza (Graduado em Administração Pública pela mesma universidade) e dirigido pelos professores André Telles do Rosário e Sálvio Fernandes (do qual também participo como organizadora, fechando o grupo principal responsável pelo evento). Dayanne também participou da publicação do livro de contos *O que contam os sentidos*, produzido durante o curso de escrita criativa "Escrever pra quê?" realizado pela Profª. Drª. Jo A-mi, projeto do qual também tive a alegria de participar. Atualmente Dayanne é professora da rede pública municipal de Acarape-CE.

responderam a respeito do conhecimento da vertente bem como sobre seus hábitos de leitura e definições de poesia e literatura. Tal questionário tinha como propósito perceber em que medida a Literatura Marginal-Periférica influenciaria no letramento literário dos estudantes. Em nossa primeira oficina intitulada “Quem são essas vozes?” buscamos motivar os alunos à entrarem no contexto e na leitura dos poemas que seriam posteriormente analisados, para isso, utilizamos vídeos (cf. anexo 01) que traziam poetas recitando em *Slams*⁴, competições de poesias que acontecem nas ruas, com a presença de sujeitos da periferia, apresentando uma linguagem e temas que os representam, como a luta dos negros, das mulheres, da comunidade LGBT, bem como dos menos favorecidos cultural e socialmente, por isso, os poemas são marcados pelo seu teor crítico.

A cada vídeo apresentado os alunos foram tecendo comentários mediados por questionamentos que íamos fazendo. Algo que nos chamou a atenção foi o envolvimento da turma, cada vídeo foi apresentado duas vezes, para que em uma eles pudessem apenas assistir e na outra, acompanhar pela letra, visto que distribuímos cópias dos poemas digitados. Os alunos destacaram trechos pelos quais foram mais tocados, e ainda que nem todos falassem, em cada exibição um(a) “ganhou voz” e dava sua opinião. Observou-se também que as meninas se identificavam mais com os poemas feministas e os meninos com os declamadores, nota-se que além do assunto, o sexo também causou reconhecimento. No vídeo do poeta WJ houve uma reação diferente, o impacto foi maior. Notamos que essa poesia tinha um tom mais crítico, tratando especialmente das desigualdades sociais, a exemplo do trecho:

Eu tenho perguntas dentro de mim que me seguem como sombra / Eu vou abri-la com você, se puder você me responda / Por que o rico pode e a gente não pode? / Por que nós usamos Xperia enquanto eles usam Ipod / Ou por que ele usa cinquenta ternos diferente e eu tô sempre com o mesmo short? / Por que o rico é informante e o pobre é

4 O *Poetry Slam* é uma prática em torno da palavra, que tem na sua base várias regras que envolvem a performance e poesia original dos seus participantes, um tempo limitado a 3 minutos para as suas apresentações, um público como júri que pontua cada apresentação de 0 a 10, a ausência de música e acessórios e a atribuição de prêmios simbólicos no final. Não existem estilos ou temas adequados, existem várias linguagens possíveis, que variam com a diversidade dos participantes que fazem parte deste movimento. (Disponível em: <https://portugalslam.com/o-que-e-o-poetry-slam/>)

X9? / Por que o rico é portador de arma, e o pobre é marginal com revólver / Por que o rico recebe carinho e o pobre recebe sacode? (cf. anexo 01)

Tais questionamentos fizeram com que alunos que ainda não haviam falado se expressassem. Nessa primeira parte da oficina já foi possível anteciparmos aquilo que supomos em nossas hipóteses, de que essa literatura por seus temas, linguagem, situações, aproxima os estudantes e se mostra como possibilidade no estudo de poemas e de uma leitura significativa.

Dando continuidade, apresentamos de maneira sucinta o surgimento da Literatura Marginal na década de 1970, seus principais representantes e como esse movimento tem ganhado novas modalidades, trazendo para a atualidade a luta de vozes que são silenciadas e ressaltando cada vez mais a cultura da preferia. Encerramos a oficina retomando a pergunta inicial: “Quem são essas vozes?” ao que uma das alunas respondeu prontamente se tratar de todos, que de alguma forma, tentam com sua escrita representar pessoas que vivem à margem e que sofrem algum tipo de opressão, inclusive podendo ser, nas palavras da aluna, “qualquer um de nós”.

Ao voltarmos à escola fomos comunicadas de que as oficinas seriam interrompidas, visto que a repercussão da primeira diante dos pais não obteve aprovação. Segundo a direção escolar, surgiram reclamações, pois nos poemas havia palavras impróprias para o contexto escolar, sendo apontados como uma forma de inovação na qual a localização e o ambiente não permitiam. A partir de então, percebemos algo mais que aparecia junto com a possibilidade de investigar como trabalhar essa literatura, havia algo maior a ser enfrentado, a resistência da comunidade escolar para receber esse novo, para acolher uma literatura que não é clássica, que se distancia do cânone brasileiro, que não faz parte dos currículos e dos conteúdos programáticos.

Temos visto uma escola preocupada em “depositar” certos conteúdos práticos, que tornam os alunos capazes de desenvolver determinadas habilidades, usar a língua com precisão até mesmo fazer belos discursos, na busca dos melhores resultados, dos mais altos índices, “é como se os livros todos cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo (FREIRE, 2014, p. 29)”. O que os alunos

têm visto são uma realidade idealizada pela escola que não corresponde com a realidade vivida pela maior parte deles. Por isso, vemos problemas como a repetência e a evasão, além, é claro, das inúmeras reclamações dos próprios alunos por não entenderem a funcionalidade dos conteúdos. Sentem-se “obrigados” a estarem numa sala e a aprender a qualquer custo, como num sistema prisional, com tempo determinado para cada coisa, regras e “advertências” quando agem de forma indisciplinada.

Quando fomos impedidas de prosseguir com as oficinas por causa do conteúdo impróprio, questionamos se aquelas palavras não faziam parte de suas realidades, perguntamos se eles não tinham contato com aquela linguagem, fosse no dia-a-dia, pelos meios televisivos, pela internet ou mesmo pelas várias letras de músicas que viralizam na atualidade. Chegamos à conclusão de que não prevemos tais incômodos porque sabíamos que não havia palavras que fossem desconhecidas, havia um modo de vê-las diferente, havia um direcionamento para que aquelas palavras fossem utilizadas para a construção de pensamentos, e não que fossem simplesmente reproduzidas. Assim como não prevemos que a escola ainda não estava preparada para acolher essa diferença, ou seja, acreditar que podemos lutar contra aquilo que os alunos convivem cotidianamente pode ser uma postura aceitável, mas levar uma literatura que os direcionem a refletir sobre pensamentos machistas, homofóbicos, discriminatórios, etc, se desvia e corrompe os princípios e a moral. Conduzir os alunos a construir um pensamento crítico é ainda, em muitos contextos, inaceitável.

3.2. Primeira oficina: “Quem são essas vozes?”

Após o episódio relatado anteriormente, tivemos que procurar uma nova escola. Fomos a outra instituição da rede pública estadual, desta vez, apresentamos o projeto fazendo as ressalvas necessárias com relação as novidades que a Literatura Marginal-Periférica oferece e mostrando os propósitos e a importância de desenvolvermos trabalhos nesse sentido. A direção escolar se mostrou aberta no que diz respeito a aceitação do “novo”, mas ainda havia a questão de tomar o tempo destinado ao

conteúdo curricular, que foi solucionada com a sugestão da escola de realizar as oficinas no contra turno, usando o certificado como uma forma de atrair os alunos.

As oficinas tiveram que ser otimizadas para três encontros, sendo que em um deles seria a realização do sarau. No primeiro dia de oficina ficamos na dúvida quanto ao comparecimento, visto que seriam realizadas no contra turno. Estavam presentes sete estudantes. Por um lado, não tivemos a mesma pluralidade da turma anterior; por outro, contamos com a presença daqueles que já estavam pré-dispostos a adotarem as ideias da atividade, o que facilitou o trabalho.

Logo no início, explicamos o objetivo das oficinas e aplicamos o questionário como da primeira vez. Muitos alunos demonstraram não ter uma resposta formulada do que seja literatura e poesia, nem conheciam a Literatura Marginal, o que nos levou a uma breve discussão sobre o que é poesia e sobre a diferença entre poema e poesia. Antes da apresentação dos vídeos motivacionais, explicamos o que era *Slam*, forma de competição de poesias autorais. Uma das alunas já conhecia, o que foi interessante notar seu entusiasmo, dizendo a uma colega que se tratava de uma “galera que despeja verdades”. Assim como na escola anterior, também associaram o *Slam* à batalha de rap. Nesse momento, enfatizamos a questão da linguagem e das temáticas envolvidas, ressaltando que utilizam, geralmente, a linguagem cotidiana, informal, com presença de gírias e palavrões, como uma forma de reafirmar, na escrita, seu espaço, a periferia; e de aproximar a população periférica da literatura, além de trazer para a literatura a pluralidade dos sentidos estabelecidos pelas variedades linguísticas, seguindo o pensamento de Alejandro Reyes “impregnar a normatividade da escrita com a oralidade das ruas e a organicidade poética do vernáculo, portanto, não é apenas um recurso literário pitoresco. Trata-se de uma tentativa de impregnar a literatura dessa pluralidade de significados” (2011, p. 103).

Foram selecionados quatro vídeos (cf. anexo 01) de performances de slammers brasileiros: Paulina Turra (*Slam Resistência* - Edição de julho de 2017); Lucas Penteadó Kóka (*Slam Resistência* – Vencedor da edição de 2016); Gabz (Vencedora do *Slam Grito Filmes* 2017) e WJ (*Grito Filmes*, fevereiro de 2017). O primeiro vídeo apresentado foi o de Paulina Turra, em que se comentou sobre os padrões de beleza que são propagados na sociedade; sobre a opressão que gays, lésbicas, trans, sofrem, e a

incompreensão em relação a comunidade LGBT, por isso tantos ainda não conseguem admitir-se como realmente são. O segundo vídeo comentado foi do Lucas Pentead, que foi identificado por ter participado do programa “Malhação” na TV Globo. No seu poema destacou-se as desigualdades sociais e o preconceito contra os pobres e negros. Falou-se das razões e necessidades de um sistema de cotas, bem como das oportunidades de quem estuda em escolas públicas e particulares, e da concorrência nas universidades públicas. Uma das alunas desconhecia a lei das cotas, nesse caso, reafirmamos como a Literatura Marginal-Periférica agiu em prol do letramento literário, enfatizando o processo conscientizador e informativo que o contato com o conteúdo do poema pode desencadear, trazendo uma série de reflexões sobre o papel e lugar que ocupamos na sociedade, reflexões que foram propostas de um jeito lúdico e mais atrativo, ou seja, por meio dos poemas.

Foi importante perceber que à medida que os vídeos foram sendo mostrados e comentados, os alunos que não conheciam foram despertando e envolvendo-se, fazendo comentários e aproximando-se ainda mais das discussões, aplaudiam quando os vídeos finalizavam, em certo momento, um dos alunos expressou que havia entendido o motivo pelo qual aquele tipo de literatura estava sendo focalizada, demonstrando empatia pelo caráter literário dos poemas. De acordo com Cosson:

Cumprir observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação (COSSON, 2016, p.55).

Durante a exibição do quarto vídeo, uma das alunas já estava familiarizada e demonstrou bastante apreciação pelo poema. Notamos que nas duas oficinas houve uma reação maior nesse vídeo. Teceram comentários sobre a discriminação contra a população negra, que são, geralmente, taxados facilmente de criminosos. Além disso, refletimos sobre a violência por vezes causada pela polícia, serviço que deveria garantir a segurança da população ao invés de repassar tais inseguranças. Daí o medo constante enfrentado por essas pessoas. Foram também apontadas as diferenças entre o rico e o pobre. A partir disso, notamos que a Literatura Marginal-Periférica também se constitui

como uma possibilidade de questionamentos a respeito da crescente violência em nosso país, que como afirma Reyes vai muito além da violência física que é veiculada todos os dias:

Violência é acordar de madrugada, tomar café ralo, pegar condução lotada, trabalhar o dia inteiro sem contrato, com salários de miséria e tratos humilhantes, passar outras duas ou três horas no percurso de volta à casa, despencar de cansaço para começar tudo de novo depois de escassas horas de sono. Violência é viver em um barraco minúsculo, limpar apartamento de luxo e ter de entrar pela garagem e subir no elevador reservado ao serviço e ao lixo. Violência é ser detido pela polícia, ser humilhado, levar tapa na cara, no melhor dos casos, só por ser negro e pobre. Violência é não ter emprego nem possibilidade de tê-lo e ser esculachado por vadio e preguiçoso. Violência é conseguir um emprego depois de muito batalhar e ser demitida por não querer chupar o patrão. Violência é não ter direito a uma educação decente e ser desprezada por ignorante. Violência é ver todo dia na TV as imagens de um mundo de consumo onde ser é a mesma coisa que ter e não ter o direito nem de pôr um alimento decente na mesa (REYES, 2011, p. 114).

Não há como entendermos a violência física, de mortes, crimes, de tantas vidas sendo sugadas pela realidade das drogas e do tráfico, sem nos determos a essa violência simbólica que atinge a maior parte da população, sem questionar os direitos e deveres que estão deixando de serem cumpridos. Os jovens precisam ter conhecimento de que a literatura e a educação podem ser um meio, se não de reverter, mas certamente de refletir sobre essa realidade.

Para conclusão dos vídeos, encerramos essa parte com o da Gabz. Ficaram muito entusiasmados, gritaram em vários momentos da declamação, em especial, quando ela fala “se teu pau é Ku Klux Klan / minha buceta é pantera negra”, após o vídeo explicamos do que se tratava esses movimentos e como eles se contrapõem, o primeiro sendo extremamente reacionário, ao defender a “purificação” da sociedade estadunidense promovendo a xenofobia, o racismo, a homofobia; e o segundo fazendo referência ao Partido dos Panteras Negras, movimento negro surgido na década de 60, por isso a associação feita no poema. Foi explicado que a mulher negra na atualidade

luta para rebater o preconceito racial e o machismo, dessa forma fazendo possível a metáfora com os movimentos sociais, haja vista o caráter arbitrário dos dois casos: a mulher negra e o preconceito racial, o movimento pantera negra e o movimento Ku Klux Klan. Essa explicação foi necessária para que os alunos entendessem o motivo do uso dos palavrões, que tanto causaram atração no poema.

Na segunda parte da oficina explicamos como surgiu a Literatura Marginal na década de 1970, o “porquê” foi denominada de “Geração mimeógrafo” e seu contexto com a ditadura militar. Expomos também a relação de alguns dos principais autores que fizeram frente desse movimento, mostrando exemplos de seus poemas, aos quais os alunos foram fazendo a leitura a cada apresentação de seu respectivo autor. Para concluir, explicamos como a Literatura Marginal-Periférica atua no contemporâneo, o que será exemplificado a partir da realização da segunda oficina.

3.3. Segunda oficina: “Poeta da periferia”

Iniciamos a segunda oficina intitulada “Poeta da periferia” fazendo uma retomada do assunto trabalhado na oficina anterior, principalmente, porque novos estudantes apareceram, totalizando onze estudantes. Solicitamos que os alunos presentes no primeiro encontro falassem do que tratava a Literatura Marginal-Periférica. Exibimos novamente alguns vídeos do *Slam* para exemplificar sem nos determos nos comentários, visto que já tínhamos trabalhado anteriormente.

Em seguida, deu-se a apresentação do autor Sérgio Vaz, poeta responsável por um dos mais reconhecidos saraus de poesia do país, o sarau da Cooperifa. Geralmente, o que se vê nas periferias são bares e igrejas, e esse poeta utilizou o bar para formar um ponto cultural, e mostrar que aquilo que era consumido cultural e intelectualmente nos grandes centros urbanos também existe na favela. O projeto intelectual desses autores revela, exatamente, essa autonomia na autorrepresentação dos sujeitos, e a mudança causada pela presença da literatura nesses espaços. Reyes em sua obra relata a experiência de um amigo:

Os saraus contagiam. Um amigo, músico e poeta, contou-me que os saraus o transformaram. Ouvir outros “manos” como ele recitando, falando da sua própria realidade e reivindicando essa *outra* cultura, invisibilizada e muitas vezes criminalizada pela cultura dominante, o fez se olhar nesse espelho com dignidade e, a partir daí, se enveredar nos caminhos da música e da poesia. Assim, os saraus vêm atraindo novos poetas e escritores, desejosos não apenas de se ver espelhados nessas visões, mas de articular as suas próprias vivências e realidades. (REYES, 2011, p. 4)

A forma como abordamos a imagem do *ser* poeta foi muito importante para atraí-los, apresentando-os não apenas como excluídos, pobres, negros, etc, mas como sujeitos ativos politicamente, conscientes de seu lugar social e das lutas que precisam ser travadas socialmente. Ao conceber a ideia do que significa ser poeta marginal uma das alunas falou: “eu acho que vou ser poeta também”.

Os estudantes ficaram muito entusiasmados quando apresentamos as obras *Colecionador de Pedras e Flores de Alvenaria*, das quais os poemas escolhidos para serem trabalhados foram retirados – todos queriam manusear as obras. Vale lembrar da importância da apresentação física da obra, nós não lemos somente o texto, mas sim o livro, por isso esse deve ser “o momento em que o professor chama a atenção do aluno para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que introduzem uma obra. Nesse caso, o professor realiza coletivamente a leitura do livro (COSSON, 2016, p. 60)”. Além disso, não podemos esquecer que, apesar de serem importantes instrumentos auxiliares no ensino literário, nenhum filme, vídeo, resumo, fragmento, irá substituir a experiência da leitura da obra como um todo. Quando mencionamos que, ao final das oficinas, faríamos um sorteio de uma obra, eles se animaram muito. Ao darmos uma atenção especial ao autor e as obras que seriam trabalhadas, justificando essas escolhas, sentimos que aguçamos o interesse dos alunos, o que confirma a experiência relatada por Rildo Cosson feita em um curso de Metodologia do Ensino de Literatura, em que ele fala:

Ao explicitar seus pressupostos de seleção, que envolviam razões tanto teóricas e metodológicas como pessoais, os alunos-ministrantes compartilharam com os alunos-participantes suas certezas, mas também suas dúvidas e dificuldades. Acredito que foi a honestidade desse procedimento que levou aquela aluna do cursinho pré-vestibular

a ler uma liberdade de escolha e de leitura nos textos selecionados pelos alunos-ministrantes (COSSON, 2016, p. 59).

Essa liberdade será melhor percebida, no caso da pesquisa em questão, nos passos seguintes.

Distribuimos cópias dos poemas (cf. anexo 01), o que mais uma vez, foi motivo de grande agitação e entusiasmo. Esse momento foi de “apreciação”, para que todos pudessem se familiarizar com as poesias, apesar de ter havido uma seleção (literatura-autor-poemas) isso permitiu aos estudantes a sensação de liberdade de escolha, revitalizando o hábito da leitura por fruição, divergindo de uma leitura “obrigatória” e mecânica, muitas das vezes, baseando-se apenas num livro didático, como, geralmente, vemos no âmbito escolar. A todo instante os alunos fotografavam e perguntavam se podiam ficar com os poemas, alguns foram lidos em voz alta como se precisassem dividir a emoção do momento.

A partir dessa preocupação dos estudantes em “gravar” os poemas, em não os perder, aproveitamos para falar da internet como um importante meio de pesquisa. Indicamos a página do Sérgio no *Facebook* e no *Instagram*, bem como outros sites⁵ nos quais eles encontrariam novos textos e autores. Percebemos que essa preocupação advém justamente da ausência e do pouco contato dos estudantes com essa literatura no ambiente escolar.

Depois dessa primeira leitura, solicitamos que os alunos escolhessem um ou dois poemas que mais houvessem gostado, em seguida, espalhamos imagens, para que fizessem uma relação com os poemas. Novamente foi solicitado que eles apreciassem as

5 A poesia marginal. **Heloisa Buarque de Holanda**. Disponível em:

<https://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/a-poesia-marginal/>

Um panorama da literatura marginal. **Revista rep nacional**. Disponível em:
<http://www.rapnacional.com.br/um-panorama-da-literatura-marginal/>

Eu comigo mesma... Jesuana Prado. Disponível em: <http://jesuanaprado.blogspot.com.br/>

Cinco poemas de Miró da Muribeca. **Loid: livre opinião, ideias em debate**. Disponível em:
<https://livreopiniao.com/2017/03/28/cinco-poemas-de-miro-da-muribeca/>

Novos dias Sergio Vaz. **Geledés: Instituto da mulher negra**. Disponível em:
<https://www.geledes.org.br/novos-dias-sergio-vaz/>

Instagram: Sérgio Vaz (@poetasv)

imagens, o momento foi de agitação, pois rapidamente os alunos fizeram relações interpretativas entre seus poemas e alguma imagem.

As apresentações giraram em torno das temáticas. Os poemas escolhidos tratavam de diversos assuntos, possibilitando diferentes reflexões, tivemos por exemplo, algumas das meninas que refletiram a questão da mulher na sociedade por meio dos poemas “Pétala preta”, “Madalena” e “Maria das dores”, os poemas que retratavam o feminino consequentemente atraíram uma atenção especial das meninas, essa atração tornou o processo de aprendizagem e reflexão mais fácil. Também se destacaram outras questões como a esperança dos versos “Sonhei / que as mulheres e os homens / não tinham coisas, mas sentimentos, / e em sinal de alegria, / plantavam suas orações / não de mãos espalmadas, / mas de braços dados / com o milagre do dia. / E Deus – todo pequeno gesto de amor – / não frequentava igrejas, / livros ou estátuas, / apenas corações...” (VAZ, 2013, p. 71); questionamentos em relação as mudanças de atitude por meio do poema “Sobre dezembros e janeiros”; críticas sociais baseadas no poema “Quintal”; o amor também foi ressaltado em “Romeu e Julieta” na versão da favela; além da construção do *ser* poeta, através do “Milagre da poesia”.

Após essa etapa de leitura e interpretação global dos poemas, orientamos os estudantes para o momento de concretização dessas interpretações, como uma forma de construir sentidos. Escolhemos o sarau como um meio de trabalharmos a literatura para além do livro e como uma maneira de compartilharmos os sentidos construídos individualmente, fortalecendo a consciência de uma coletividade leitora, daí a diferença entre uma leitura que fazemos em casa do letramento literário elaborado na escola. Nesta próxima seção apresentaremos, por meio dessa experiência, como as transmissões vocais interpessoais podem contribuir nesse processo.

3.4. Sarau poético: “Agora é a nossa voz!”

Como finalização e último passo da nossa experiência realizamos o sarau poético “Agora é a nossa voz!”. Foi solicitado que os estudantes escolhessem suas poesias para declamar, de acordo com suas preferências, havendo a possibilidade de

usarem novos poemas ou os já analisados nas oficinas. A leitura poderia ser decorada ou lida expressivamente.

A ideia seria realizar o sarau para toda a escola, como forma de socializar os trabalhos e interpretações, no entanto, os estudantes se sentiram intimidados, talvez pela falta de prática desse tipo de atividade. Resolvemos, diante da recusa, e levando em consideração que um dos objetivos do sarau (trabalhar a oralidade em sala) seria atendido, restringir o evento para o público participante das oficinas. Contando com a presença das duas alunas ministrantes, que também participaram das declamações.

Uma das alunas disse que declamaria uma poesia autoral, reiteramos aqui a ideia expressa anteriormente de que essa literatura, bem como esses espaços/eventos culturais têm construído nos sujeitos uma autonomia no que tange a descoberta da própria capacidade de escrita/fala, de ganhar voz numa sociedade que tanto silencia, que tanto oprime, de mostrar através da sua visão seu mundo e a sua realidade.

No dia do sarau houve certa resistência por parte dos alunos em declamar devido à falta de experiência, não só com a leitura desse tipo de literatura, mas com o exercício de performances poéticas, ainda escassas na escola. Tentamos deixá-los bastante à vontade, incentivando a realização da leitura. À medida que fomos organizando a ordem dos que iam participar os alunos foram ficando mais confortáveis com a ideia.

Ao iniciarmos o sarau escolhemos o grito de guerra “Agora é a nossa voz!”, entoado a cada início e finalização de poema. Os poemas escolhidos se diversificaram nas temáticas, sendo que a maior parte, traziam a mulher como personagem principal, a exemplo, os poemas “Putá”, “Eumulhervagem”, “Pétala preta”, declamados/lidos pelas alunas participantes, o que novamente comprovou a importância da identificação dos alunos com a obra; e “Mulata exportação” e “Menina melanina” recitados pelas alunas ministrantes.

Em muitos momentos tivemos uma grande efusão de aplausos e gritos. Após a declamação do poema “Mulata exportação” um aluno que inicialmente não declamaria apresentou o poema “Barbie” do autor estudado Sérgio Vaz, afirmando ainda querer declamar o poema que o motivou no pátio da escola. Outra aluna que também não declamaria foi responsável por fechar o sarau.

A atividade do sarau foi bastante importante e significativa para todos. Tanto que suscitou-se entre eles a possibilidade de um sarau no “recreio interativo”, ideia que foi negada inicialmente pelos próprios participantes. Cogitamos a possibilidade de fazermos um evento extra, com ensaios e a participação de novos integrantes, o que os deixou bastante animados. Acreditamos que a atividade teria sido melhor desenvolvida, caso fosse trabalhada de forma mais detalhada e processual, o que não foi possível devido ao pouco tempo para a realização.

Finalizamos com os agradecimentos e o sorteio do livro *Flores de Alvenaria* do poeta Sérgio Vaz. Com base em pequenos relatos dos estudantes notamos receptividade e desejo de continuar a experiência, que segundo eles foi necessária e interessante.

Como proposta de extensão da experiência sugerimos uma intervenção poética: a distribuição de poesias impressas para a comunidade ou a colagem para além dos muros da escola. Algumas alunas adotaram a ideia e pregaram as poesias em alguns lugares da cidade registrando a ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo refletir sobre a proposta de se trabalhar poemas da Literatura Marginal-Periférica em sala de aula. Para tanto, adotamos as ideias do letramento literário na tentativa de forjarmos um verdadeiro encontro entre leitor e obra, estimulando o processo de autonomia dos estudantes na busca por maiores conhecimentos em literatura e contribuindo para o entendimento desta como uma arte que vai além dos livros. As conclusões foram estabelecidas não apenas com base nos questionários, mas nas observações feitas em cada oficina.

No primeiro formulário percebemos que a maioria dos estudantes disseram não ler, e quando a resposta foi sim, tratava-se de livros de ficção científica ou *best-sellers*. Apresentaram dificuldades ao formular as definições de literatura e poesia, dentre as definições dadas a literatura foi estabelecida como “uma arte que é expressa através de textos, poemas, romance, música”. Já a poesia, dentre os que escreveram, apontaram algo que se relacionava a expressão dos sentimentos. No que diz respeito ao uso da internet para pesquisas de textos literários, alguns disseram que sim, sendo as músicas a

principal procura. Somente duas alunas disseram o que entendiam por Literatura Marginal, a primeira afirmou “*acredito que seja a literatura do “povo”*”, a outra disse ser “*uma literatura que conta sobre as minorias sociais*”. O restante não conhecia a vertente.

Foi possível perceber que as performances dos poemas presentes nos vídeos veiculados na internet serviram como suporte para tornar mais atrativa a literatura, essa conclusão foi tomada a partir da observação das reações dos alunos, que talvez seriam diferentes caso tivéssemos apresentados apenas os poemas impressos.

Aspectos como os temas, as personagens, as situações, bem como, a linguagem na Literatura Marginal-Periférica, são construídos com base no cotidiano e na opressão sofrida pelas camadas menos favorecidas, facilitando o letramento literário dessas camadas, já que é mais propício refletir sobre aquilo que lhe é conhecido e experienciado, considerando o público ao qual foi direcionado a experiência: alunos da escola pública. É esperado que haja identificação com esses elementos, conseqüentemente favorecendo o processo de letramento literário. Dentre as falas que expressam isso, quando perguntados se haviam gostado dos poemas que foram estudados, destacam-se:

Estudante A: “*sim, por que retratava vida de pessoas e o seu dia a dia com o preconceito, e forma de se expressa ou relatar algo de ruim*”.

Estudante B: “*sim, por que trata de assunto da atualidade, do que nós vivemos e do que nós falamos*”.

Ressaltaram também a questão da linguagem:

Estudante D: “*Gostei, pois me identifiquei com alguns e também pela forma informal como eles são escritos*”.

Estudante E: “*sim, porque falar algumas linguagens que a gente usa no nosso dia a dia, muitos poemas maravilhosos, enfim, simplesmente EU AMEI!*”

Estudante F: “*sim, é uma forma muito fácil de se expressar*”.

Ao trazer a imagem da poesia para algo mais cotidiano e acessível, em especial, mostrando a internet como uma fonte de pesquisa desta literatura, contribuímos para a autonomia dos estudantes na busca de maiores conhecimentos, dentre suas respostas

fizemos os seguintes destaques, quando perguntados se haviam gostado dos poemas estudados:

Estudante G: “*sim, por que me fez aprender a gostar de poema e literatura*”.

Estudante H: “*sim, porque eram interessantes e gerou mais interesse e aprender mais sobre poemas*”.

Estudante I: “*sim, porque mostra uma forma diferente da literatura que estamos acostumados, e de uma realidade e por pessoas diferente dessa que encontramos na escola*”.

Acreditamos ainda que a Literatura Marginal-Periférica pode viabilizar reflexões sobre inúmeras questões sociais previstas na formação cidadã escolar e contribuir para ampliar a compreensão da literatura como uma arte que se realiza para além do suporte livro. As atividades de pesquisa e buscas na internet, a realização do sarau poético, assim como a intervenção poética, proporcionou aos estudantes a liberdade e possibilidades de ver a poesia de uma outra forma, que não esteja condicionada aos livros, mas que se faça presente no dia-a-dia de cada um.

Compreendemos que a experiência apresentada não nos permite certezas, mas possibilidades. A partir das barreiras encontradas e dos limites postos no espaço escolar, além da existência de múltiplas realidades de escola, turmas e alunos, jamais poderíamos afirmar verdades universais visto que trabalhamos com dados específicos. Este trabalho elabora então uma das alternativas que podem ser eficientes no processo do letramento literário, estando aberta a aperfeiçoamentos e extensões. Diante da pretensão de investigarmos formas de trabalhos com a Literatura Marginal-Periférica em sala, acreditamos não só ser possível, mas que já demos passos nessa direção.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *Direito à literatura*. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/296648/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20C3%A0%20Literatura.pdf> Acesso em: 16. Fev. 2018.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2.ed., 6ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2016.

FORGIARINI, Solange Aparecida Bianchini; SILVA, João Carlos da. *Fracasso escolar no contexto da escola pública: entre mitos e realidades*. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/369-4.pdf>> Acesso em: 16. jan. 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 49ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Disponível em: <file:///C:/Users/Silvana/Downloads/TESE_ERICA_PECANHA_NASCIMENTO.pdf> Acesso em 11. Set. 2017.

OLIVEIRA, Thaís de; ANTUNES, Renata. *Negligência na mediação do professor no trabalho de leitura*. In: BORTONI-RICARDO, Stella Moraes, MACHADO, Veruska Ribeiro (Orgs). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*: São Paulo, Parábola, 2013.

REYES, Alejandro. *Vozes dos Porões: A Literatura Periférica do Brasil*. Disponível em: <http://digitalassets.lib.berkeley.edu/etd/ucb/text/ReyesArias_berkeley_0028E_11358.pdf> Acesso em: 16. Set. 2017.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. *Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas*. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/2ade/04e19778c0a5439529d93a4707182858cf8d.pdf>> Acesso em 04. Dez. 2017.

SOARES, Mei Hua. *A literatura marginal-periférica na escola*. Disponível em: <file:///C:/Users/Silvana/Downloads/Mei_Hua_Soares.pdf> Acesso em: 11. Set. 2017.

VAZ, Sérgio. *Colecionador de pedras*. São Paulo: Global, 2013.

_____. *Flores de alvenaria*. 1.ed. São Paulo: Global, 2016.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trads. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

ANEXO 01

POEMAS DECLAMADOS NOS VÍDEOS, ESTUDADOS NAS OFICINAS E RECITADOS NO SARAU

POESIA POR LUCAS PENTEADO

(Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zRD81DYoMcQ>)

Era uma vez

Não, para! que isso aqui não é conto de fadas

E a história que vai ser relatada é só realidade

Conta as memórias de uma vida pacata

Esmagou a maldade

1996, 4 horas da manhã

Dilatação de quatro dedos, mas não tinha parteiros

A saúde onde eu moro me dá nos nervos

Nome da mãe? Andréia

Preta! Nesse mundo é treta

Quando madura via que a vida era dura

Parecia que Deus olhava e dizia “Poucas ideias”

Prazer! Sou sim, o desgraçado como engravatado tinha me falado

É, mas ele ficou impressionado

Porque além de “negro drama”, sou um negro estudado

E eu sei que tenho muito a estudar, porém na academia da hipocrisia

a matéria que eu não entendia eles querem tirar

Mas um dia eu chego na universidade

Eles nem tão ligado que a vida serviu de faculdade

Tinha apenas três matéria: miséria, escravatura e infelicidade

Pois é Brasil!

Eu nunca tive um bult de mil, mas no sistema eu vou tentar dá uma bota

Porque eu quero ver meu bem, quando no Enem eu tirar cem

E eles falarem que foi cota!

POESIA POR PAULINA TURRA

(Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AtkJwBckoo8>)

Meu Deus! Olha só como é a vida.
Mesmo ela se estragando, até que continua bonita.
E essas combinações de roupa, não sei da onde que ela tira.
A gente tinha que ir lá, vestir ela um dia
Com certeza, ia ficar linda demais, mas ela não deixa.
Ela fala que tem ideias.
“Parece que ela quer ser feia, parece que é isso que ela faz.
Bom mesmo ia ser se ela deixasse essa bagunça pra trás”
Bagunça? Meu bem, você nem sabe quanto tempo
eu fico em casa escolhendo o meu traje.
Cada ponta da minha roupa, é muito bem pensada.
Pra quem sabe apreciar uma beleza, não tão padronizada.
Pode me chamar de louca, e sair dando risada.
Mas quem não é louco nesse sistema, não tá entendendo nada.
E com esse meu jeito esquisito, acham até que eu quero ser menino
Mas meu bem, a muito tempo que eu já superei isso.
Eu fico muito bem, eu mesma sozinha comigo.
Hoje em dia eu me olho no espelho e eu sorrio.
“Meu Deus, mas como é lindo esse meu estilo”
Tenho que tomar cuidado pra não acabar como o Narciso.
Porque eu me amo tanto, que é até um perigo.
E esse seu olhar na rua, não mexe mais comigo.
“Travesti não é bagunça”, já dizia Luana Munís
E eu nem sou travesti, mas essa frase me faz feliz.
Eu não tô bagunçada meu amor, me arrumei durante horas.
Não é só porque você não gosta, que eu não sou uma mulher vaidosa.
Então dá licença meu bem, não mexe em mim, e não me toca.
Porque eu fiquei muito tempo no espelho querendo encontrar eu própria.
E agora que encontrei, eu não largo mais a mão
PUTA QUE PARIU, COMO É BOM SER SAPATÃO!!!

AGORA EU TENHO 19 ANOS, POR PAULINA TURRA

(Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=753fQu3B2tw>)

Agora eu tenho 19 anos,
Mas as vezes parece que eu só tenho 3,
Porque foi só com 15 anos que eu me assumi gay
Gay não! Sou sapatão.
Tem gente que me olha e faz essa confusão.
Hoje em dia eu nem ligo, mas antes não era assim
Já tive que me disfarçar, fantasiar
Pra esconder essa pessoa dentro de mim
Tenho até foto indo pra festa
Salto alto, meia calça, vestido tubinho com as costas abertas.
Rímel, lápis, sombra, cabelo mais alisado e californiana nas pontas.
Quem me conhece hoje em dia, olha a foto da risada e zomba
Mas aquela era minha armadura,
porque ser como eu queria me dava vergonha.
Falar pra minha mãe
Shiiiiii, fala baixo, nem sonha!
Falar pro meu pai
Shiiiiii, fala baixo, nem sonha!
Falar com a minha amiga, hiiii, vai que ela estranha!
Então um dia me tranquei no banheiro com a minha avó
Finalmente da minha garganta ia tirar aquele nó
Falei que queria ser menino, achava que ia ser melhor
Ela falou pra eu não contar pra ninguém, se eu contar ia ser pior.
Depois disso até consegui namorado
e por essa boca vários pintos já passaram
eu até que gostava, eles adoravam.
Queria saber se eu já fosse assim
se eles teriam se interessado.
Hoje em dia eu nem ligo,
sou do jeito que eu quiser
o jeito que eu falo, que eu penso, que eu me movo

é meu jeito de ser mulher.
 E vai ter gente falando que eu sou confuso,
 É quem quer me dá beijo, mas não dá, porque se assusta
 Eu beijo mina, bicha, diva, viada, macho e sapatão.
 Eu não tenho lista de pré-requisitos, eu não tô atrás de um padrão.
 E se hétero quiser ficar comigo na balada,
 não é porque tá bêbado e a visão tá embaçada
 é porque eu sou uma puta menina gata
 e de macho eu não tenho nada!
 Eu posso até ter falado muito, me embolado e falado demais,
 Mas é que eu só comecei a falar três anos atrás!

POESIA POR GABZ

(Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=kZhPvrueFw>)

Se pelo menos eu soubesse
 meu verdadeiro sobrenome
 Meu país, minha terra
 Ah seu soubesse, já era
 Se a minha carne fosse vista
 diferente
 Se o meu olhar fosse mais
 inocente
 Se eu não tivesse que ser forte
 Nem dependesse da sorte
 Se antes do diabo que me
 pintam
 Por ser o que sou
 Ou da deusa que cultivo
 Pelo mesmo motivo
 Eu fosse pessoa
 Pessoa antes de mulata
 Se eu não tivesse que falar na
 lata
 Se eu não tivesse que gritar

Ainda ia ter graça me ver
 sangrar
 E se eu quisesse me
 vingar?
 Ou cês acha que nós não
 lembrava
 Do estupro, da escrava
 Pro qual cês fizeram
 comemoração
 Porque o resultado, a
 linda miscigenação
 Cês acha que nós esquece
 Da tragédia dos Meque
 meque
 Que termina lá no cytotec
 Sim, aborto
 A pergunta agora era se o
 feto era vivo ou morto
 E ela?
 Crucificada aos 16
 Sem a ajuda de nenhum
 de vocês
 Sozinha
 Pedindo aos céus ajuda de
 mainha

Mas aqui só tinha inferno
 E o julgamento é eterno
 Se vai pra prisão pode ir pro
 balão
 Tachada de puta na televisão
 Pra nós ninguém reserva
 oração
 Tudo preto!
 Sem bandeira branca na trama
 Cê já sentiu negra drama?
 Ou tu só respeita se for da
 família?
 Pede bênção pra mãe
 E não assume a filha
 É que cês não gosta de mulher
 Cês gosta é de buceta
 De preferência branca
 Mas com bunda de preta
 Até serve comer mulata
 Mas se for a que te acata
 E os mano sempre diz que são
 todo errado
 aí quer pagar de aliado

Mas cês tem que entender
nosso lado
Nós não atura papo de
mandado
Porque o papo não faz curva
Aqui o papo é reto
Cê vai se arrepender de me
fazer de objeto
Eu não tô aqui pra fazer teu
membro ficar ereto
Não se esqueça
Aqui é muita treta
Se o teu pau é Ku Klux Klan
Minha buceta é Pantera negra
É que eu não aguento mais
Será que um dia tem paz?

LITERATURA E POESIA MARGINAL POR WJ

(Disponível em:
[https://www.youtube.com/
watch?v=wRcnrxRq2L4&t
=61](https://www.youtube.com/watch?v=wRcnrxRq2L4&t=61))

[Verso 1: WJ]

Eu preciso falar, século XXI,
onde tudo é comum
Policial que confundiu nego
com um traficante, matou,
foda-se
Era só mais um, esse é o
Brasil, e esse aqui é meu povo
Eu aposto 100 mil contigo,
que amanhã ele confundi de
novo
Amanhã, depois e novamente
De dez traficante que morre,
nove é inocente
Mas como ser traficante e

Ou será sempre mais um
jaz
No cais
Sinto o horror
Do Valongo, quilombo,
dor
É o combo do meu horror
Mas você não me parou
Uns morto na matéria
Mas vivo na memória
Eu canto aqui é pra
lembrar essas histórias
Em meio ao caos nós vai
encontrar a glória
Em meio a tanta luta nós
vai encontrar a vitória

inocente ao mesmo tempo
na vida?
É só dizer que é traficante
e pronto, e todo mundo
acredita
Até eu acredito no que foi
dito pelo supremo
veredito
E ai de mim se não
acreditar, talvez nem
passe mais um dia vivo
Mas eu sou traficante
também, hem,
representante de Coelho
Neto
A minha índole é a leitura
e o fuzil e o papo reto
Século XXI, onde tudo é
comum, onde o rico só
escuta aplauso
E eu escuto "Patum"
Onde o rico dorme feliz,
ao mar e suas onda

Porque eu tenho a minha raiz
Minha base pra ser feliz
Eu invado, eu não me encaixo
E você ainda se acha muito
macho?
Mas nunca vi rastro de cobra
Nem couro de lobisomem
Se correr o bicho pega
Se ficar o bicho come
O que eu passei nessa vida cê
não sabe como é
Pra viver na minha pele
neguim
Tem que ser muito... Mas
muito mulher.
sucintas
Enquanto o meu despertador é
uma glock com pente de 30
Mirada no alto tem sangue no
asfalto e uma bela senhora de
salto
Novamente a PM confundiu
um simples abraço com
grande assalto
Eu tenho perguntas dentro de
mim que me seguem como
sombra
Eu vou abri-la com você, se
puder vocês me responda
Por que o rico pode e a gente
não pode?
Por que nós usamos Xperia
enquanto eles usam Ipod
Ou por que ele usa cinquenta
ternos diferente e eu tô sempre
com o mesmo short?
Por que o rico é informante e
o pobre é X9?

Porque o rico é portador de
arma, e o pobre é marginal
com revolve
Porque o rico recebe carinho e
o pobre recebe sacode?
Ao rico que me ver do outro
lado dessa telinha
A minha casa inteira na dele
não dá a cozinha
Mas eu ele vai dizer que eu
sou maluco, e que eu sei do
que tô falando
Mas o que ele teme vê na TV
é meu verdadeiro cotidiano

[Ponte]

Pessoas sendo mortas, metrô e
trem lotado
Busu quase sem porta, cadê o
ar-condicionado?

Isso é século XXI rapa
E que a maldade evolua
Se não depois vão dizer
nos jornais, pessoas
negras são proibidas nas
ruas
Cabelo duro é pecado,
beijo de mula de é pecado
Branco é bonito ser gay,
mas preto é feio ser viado
A escravidão acabou?
Quem te enganou na
resposta?
Se acabou por que eu
sinto a dor do chicote nas
costas?
Doi, o suor bate e arde
Vocês podem me chamar

de tudo, só não pode me
chamar de covarde
Meu cabelo é duro, e meu
beijo é grande
Mas eu me amarro
E cada rima constante vale
bem mais que seu carro
Porque seu carro no fume, só
serve pra quem tá vivo
Mas o caráter e o saber, se eu
morrer eu levo comigo
E é por isso que eu prefiro,
alface, azeite e vinagre
E depois de tanta verdade que
eu falei
Se eu viver vai ser milagre

POEMAS DO SÉRGIO VAZ

PÉTALA PRETA

Rosa
é uma mulher da pétala preta.
Mora num jardim
entre espinhos e violetas.
Linda,
escreve poemas,
com o azul da caneta.
Sem papas na língua
troca beijos com borboletas,
para desespero do girassol
que se sente o dono do planeta.

*Do livro *Colecionador de pedras*

MADALENA

Madalena
trabalha num fast-food
na rua Augusta
pra ganhar a vida.

Sem tempero,
sem beijo,
ela é a comida.

Entre o ventre
e o parceiro,
o falso desejo:
assim ela é servida.

Do livro *Colecionador de pedras

MARIA DAS DORES

Filha de Saturnina
Maria nasceu em Ladainha,
No intestino de Minas,
Quase Bahia.

O nome Maria
Quem deu foi o pai,
Seu Firmino.

Das Dores,
Sobrenome da agonia
Quem lhe deu
Foi o destino.

Na cidade grande
Vendeu cosméticos,
Roupas e sapatos.
Varreu chão, lavou pratos,
Mas nunca foi domesticada.

Sorria
Por desobediência
Por falta de instrução.
Por alegria?
Só se fosse descuido do coração.

Sob o disfarce
De mulher maravilha
Morreu sem avisar.

Frágil,
Mas sem implorar.
Feito flor que rasteja,
mas que a primavera
não pode humilhar.

Do livro *Colecionador de pedras

UM SONHO

Ontem eu sonhei o teu sonho.
Sonhei que os soldados,
cantando e dançando,
libertando-se de todo mal,
surgiam de todos os lugares
para velar o funeral
de todo arsenal
das ogivas nucleares.

No sonho,
os homens não eram escravos
nem de si, nem dos outros,
tampouco das cores,
pois o dinheiro
havia sido morto
no combate com o amor.

As crianças,
cravo e canela,
dançavam com as flores,
como não tinham fome
caçavam estrelas
e quando cansadas
tornavam-se nelas!

Sonhei
que as mulheres e os homens
não tinham coisas, mas sentimentos,
e em sinal de alegria,
plantavam suas orações
não de mãos espalmadas,
mas de braços dados
com o milagre do dia.

E Deus - todo pequeno gesto de amor -
não frequentava igrejas,
livros ou estátuas,
apenas corações...

Ontem,
sonhei o teu sonho
sem saber que também era o meu.

Do livro *Colecionador de pedras

SOBRE DEZEMBROS E JANEIROS

Andando pelas ruas descobri
que o Ano Novo mal começou
e já está tudo velho de novo.
E de tantas promessas vazias
feitas com o copo cheio,

o futuro já nem acredita mais.
Trocam-se os dias,
mudam-se as horas,
e se tu, fiel ao passado
e perecível ao calendário,
nada faz para mudar a vida
(aquela que só você vê)
o tempo vai te presentear
com um coração cheio de rugas,
e de presente,
esse milagre que nós desperdiçamos,
vai nos ensinar que viver
é muito mais do que colecionar dezembros.
É desbravar janeiros.

*Do livro *Flores de alvenaria*

QUINTAL

Meninos de rua
dormem na calçada fria
do quintal da sociedade.
Sob a lua,
sempre cabe mais um:
a casa é grande,
a casa é muito grande.

*Do livro *Colecionador de pedras*

ROMEU E JULIETA

Romeu era cego,
Mas quando conheceu Julieta
foi amor à primeira vista.
Julieta enxergava bem,
mas ficou cega de amor
quando viu Romeu.
Nos becos e vielas
não se falam de outra coisa:
a história de Shakespeare na versão da favela.

Ah, as famílias que eram contra,
se mataram, com o veneno
da inveja.

*Do livro *Colecionador de pedras*

O MILAGRE DA POESIA

Sou poeta
e como poeta posso ser engenheiro,
e como engenheiro
posso construir pontes com versos
para que pessoas possam passar sobre rios
ou apenas servir de abrigo aos indigentes.

Sou poeta
e como poeta posso ser médico,
e como médico
posso fazer transplantes de coração
para que as pessoas amem novamente
ou simplesmente receitar poemas
para tristezas com alergias
e alegrias sem satisfação.

Sou poeta
e como poeta posso ser operário
e como operário
posso acordar antes do sol e dar conta do dia,
e quando a noite chegar, serena e calma,
descansar a ferramenta do corpo
no consolo da família -
autopeças de minha alma.

Sou poeta
e como poeta posso ser assassino,
e como assassino posso esfaquear tiranos
com o aço das minhas palavras
e disparar versos de grosso calibre

na cabeça da multidão
sem me preocupar com padre, juiz ou prisão.

Sou poeta
e como poeta posso ser Jesus,
e como Jesus
posso descrucificar-me
e sem os pregos nas mãos e os fanáticos nos pés
andar livremente sobre terra e mar
recitando poesia em vez de sermão.

Onde não tiver milagres,
ensinar o pão.

Onde faltar a palavra,
repartir a ação.

*Do livro *Colecionador de pedras*

P.U.T.A. (Mulamba)

(Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mulamba/puta/>)

	E eu corro
Ontem desci no ponto ao meio dia	
Contramão me parecia	Pra onde eu não sei
Na cabeça a mesma reza	Socorro
Deus, que não seja hoje o meu dia	Sou eu dessa vez
Faço a prece e o passo aperta	
Meu corpo é minha pressa	Hoje me peguei fugindo
Ouviu-se um grito agudo engolido no centro da cidade	E era breu, o sol tinindo
E na periferia? Quantas? Quem?	Lá vai a marionete
O sangue derramado e o corpo no chão	Nada que hoje dê manchete
Guria	(E ainda se escuta)
Por ser só mais uma guria	A roupa era curta
Quando a noite virar dia	Ela merecia
Nem vai dar manchete (nem vai dar manchete)	O batom vermelho
Amanhã a covardia vai ser só mais uma que mede, mete, e insulta	Porte de vadia
Vai filho da puta	Provoca o decote
	Fere fundo o forte
	Morte lenta ao ventre forte
Painho quis de janta eu	
Tirou meus trapos, e ali mesmo me comeu	Eu às vezes mudo o meu caminho
De novo a pátria puta me traiu	Quando vejo que um homem vem em minha direção
E eu sirvo de cadela no cio	Não sei se vem de rosa ou espinho
	Se é um tapa ou carinho

O bendito ou agressão

E Deus permita me vingar

E Deus permita me vingar

E se mudasse esse ponto de vista

E o falo fosse a vítima

E eu corro

O que o povo ia falar?

Pra onde eu não sei

Trocando, assim, o foco da história

Socorro

Tirando do homem a glória

Sou eu dessa vez

De mandar nesse lugar

Morreu na contramão atrapalhando o sábado

Socorro tô num mato sem cachorro

(Pra onde eu não sei)

Ou eu mato ou eu morro

Agonizou no meio do passeio público

E ninguém vai me julgar

(Sou eu dessa vez, e eu corro)

Morreu na contramão como se fosse máquina

E foda-se se me rasgar a roupa

(Pra onde eu não sei, socorro)

Te arranco o pau com a boca

Seus olhos embotados de cimento e tráfego

E ainda dou pra tu chupar

(Sou eu dessa vez)

Amou daquela vez como se fosse máquina

Pra ver como é severo o teu veneno

(Pra onde eu não sei, socorro)

Eu faço do mundo pequeno

Amou daquela vez como se fosse a última

E Deus permita me vingar

(Sou eu dessa vez)

MULATA EXPORTAÇÃO (Elisa Lucinda)

(Disponível em: <https://www.geledes.org.br/de-elisa-lucinda-mulata-exportacao/>)

“Mas que nega linda

E de olho verde ainda

Olho de veneno e açúcar!

Vem nega, vem ser minha desculpa

Vem que aqui dentro ainda te cabe
Vem ser meu álibi, minha bela conduta
Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!
(Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)
Minha tonteira minha história contundida
Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelol?
Rebola bem meu bem-querer, sou seu improviso, seu karaquê;
Vem nega, sem eu ter que fazer nada. Vem sem ter que me mexer
Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.
Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore
Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.
Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.”
Imagem: Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.

Já preso esse ex-feitor, eu disse: “Seu delegado...”
E o delegado piscou.
Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena
com cela especial por ser esse branco intelectual...
Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio
nada disso se cura trepando com uma escura!”
Ó minha máxima lei, deixai de asneira
Não vai ser um branco mal resolvido
que vai libertar uma negra:

Esse branco ardido está fadado
porque não é com lábia de pseudo-primido
que vai aliviar seu passado.
Olha aqui meu senhor:
Eu me lembro da senzala
e tu te lembrás da Casa-Grande
e vamos juntos escrever sinceramente outra história
Digo, repito e não minto:
Vamos passar essa verdade a limpo
porque não é dançando samba
que eu te redimo ou te acredito:
Vê se te afasta, não invista, não insista!
Meu nojo!
Meu engodo cultural!
Minha lavagem de lata!

Porque deixar de ser racista, meu amor,
não é comer uma mulata!

MENINA MELANINA (Mel Duarte)

(Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Menina-Melanina>)

Passou por incertezas
Momentos de fraqueza
Duvidou se há beleza
Nos seus olhos escuros,
Seu cabelo encrespado,
Sua pele tom noturno,
Seu gingado erotizado.

Algumas por comodismo não se informam, nem vão atrás
Pra saber da herança que carregam, da força de seus ancestrais!
Preferem acreditar que o bom da vida é ter um belo corpo e riqueza
E que chegará ao ápice de sua carreira quando se tornar a próxima Globeleza.

Preta:

Mulher bonita é a que vai à luta!
Que tem opinião própria e não se assusta
Quando a milésima pessoa aponta para o seu cabelo e ri dizendo que ele está “em pé”
E a ignorância dessa coitada não a permiti ver...
Em pé, armado,
Foda-se! Que seja!
Pra mim é imponência!
Porque cabelo de negro não é só resistente,
É resistência.

Me aceitei, quando endredei
Já são 8 anos de cultivo e paciência
E acertei quando neguei
Esse padrão imposto por uma mídia de uma sociedade que não pensa.

ANEXO 02

FORMULÁRIOS

Para você, o que é literatura?

é tudo que envolve leitura, livros e etc.

Para você, o que é poesia?

uma arte que liberta a alma, com estrutura formada por estrofas e versos.

Você gostou dos poemas que foram estudados? Por quê?

Sim, pois me identifiquei com alguns e também pela forma informal como eles são escritos.

Você sabia que era possível encontrar esses tipos de textos na internet?

Sim, eu mesmo pesquisei várias vezes.

Com suas palavras diga o que você entende por Literatura marginal.

é uma forma de arte onde a memória ganha voz, expressam seus sentimentos em vários eventos e competem entre si.

Sem sonhos a vida se torna um pesadelo!

Sérgio Vaz

Para você, o que é literatura?

Antes de era desde uma história a poema, que conta algo sobre um determinado assunto.

Para você, o que é poesia?

antes de entrar fundo sobre poesia só achava que era algo criado para existir, agora vejo que poesia é uma forma de expressão para a sociedade e informa que somos um todo, poesia não é só para a diversão mais um modo de se expressar.

Você gostou dos poemas que foram estudados? Por quê?

sim, por que retratava vida de pessoas e o seu dia a dia com o preconceito, e forma de se expressar ou relatar algo de ruim.

Você sabia que era possível encontrar esses tipos de textos na internet?

não, antes não tinha conhecimento sobre essa forma de se expressar e de se expressar, uma forma ~~de~~ ~~de~~ ~~de~~ para de produzir a sociedade sobre problemas dos menos favorecidos.

Com suas palavras diga o que você entende por Literatura marginal.

é uma forma das formas de se expressar para a sociedade, e de classe tudo de errado que está acontecendo em forma de uma poesia.

Para você, o que é literatura?

uma arte, é uma forma de vida e a pensar de coisas.

Para você, o que é poesia?

um tipo de texto.

Você gostou dos poemas que foram estudados? Por quê?

Sim, por que trata de assuntos da atualidade, do que nós vivemos e do que nós falamos.

Você sabia que era possível encontrar esses tipos de textos na internet?

Sim

Com suas palavras diga o que você entende por Literatura marginal.

é se entendendo por um modo de pensar, do que nós tem voz, se expressar e falar o que se vê.

Sem sonhos a vida se torna um pesadelo!

Sérgio Vaz

Para você, o que é literatura?

é uma arte, expressa suas emoções através
das palavras

Para você, o que é poesia?

são textos que expressam as
emoções

Você gostou dos poemas que foram estudados? Por quê?

Sim, retratam a vida dos pessoas,
tudo os ~~at~~ dificuldades enfrentados.

Você sabia que era possível encontrar esses tipos de textos na internet?

Sim

Com suas palavras diga o que você entende por Literatura marginal.

a literatura do povo.

Sem sonhos a vida se torna um pesadelo!

Sérgio Vaz

Para você, o que é literatura?

Algo que exprime nossos sentimentos e quando a gente começa a ler a gente se sente como se estivessemos lá sempre perto de literatura.

Para você, o que é poesia?

Algo que a gente se exprime lendo, ouvindo muito maravilhosos que a gente vê na poesia.

Você gostou dos poemas que foram estudados? Por quê?

Sim porque falar algumas lindas palavras que a gente usa no nosso dia a dia. Muitos poemas maravilhosos, super, simplesmente EU AMEI!

Você sabia que era possível encontrar esses tipos de textos na internet?

Não, para mim só tinham textos populares por isso eu amei a literatura marginal.

Com suas palavras diga o que você entende por Literatura marginal.

É uma forma de arte que se vê em quase todo mundo. Super maravilhosa para o coração e se eu jamais pensava que seria tanta literatura marginal e eu souei bastante.

Sem sonhos a vida se torna um pesadelo!

Sérgio Vaz

Para você, o que é literatura?

Arts de ler; leitura.

Para você, o que é poesia?

é um conjunto de quatro linhas
que formam versos e que
normalmente tem palavras que
rimam.

Você gostou dos poemas que foram estudados? Por quê?

sim, por que me fez aprender
e gostar de poesia e literatura

Você sabia que era possível encontrar esses tipos de textos na internet?

Não

Com suas palavras diga o que você entende por Literatura marginal.

que é uma literatura bem da periferia onde não existe limites para se expressar

Sem sonhos a vida se torna um pesadelo!

Sérgio Vaz

Para você, o que é literatura?

São textos poemas sentimentais, etc.

Para você, o que é poesia?

Uma forma de se expressar

Você gostou dos poemas que foram estudados? Por quê?

Sim. Porque eram interessantes e gerou mais interesse e aprendeu mais sobre poemas.

Você sabia que era possível encontrar esses tipos de textos na internet?

Sim.

Com suas palavras diga o que você entende por Literatura marginal

Literatura marginal é uma forma de se expressar, marginal porque tá na margem e também porque é nas ruas e etc

Sem sonhos a vida se torna um pesadelo!

Sérgio Vaz

Para você, o que é literatura?

A forma do artista se expressar por meio das palavras de várias maneiras, com ritmo, palavras, estruturas diferentes um do outro.

Para você, o que é poesia?

Uma das várias formas de expressar por meio da literatura.

Você gostou dos poemas que foram estudados? Por quê?

Sim, porque mostra uma forma diferente da literatura que estamos acostumados e de uma realidade e por pessoas diferentes dessa que encontramos na escola.

Você sabia que era possível encontrar esses tipos de textos na internet?

Na

Com suas palavras diga o que você entende por Literatura marginal.

Literatura marginal, que é uma literatura feita normalmente por pessoas da periferia da cidade. Ele recebeu o nome de marginal porque ocorreu no tempo da ditadura militar e não podia se expressar como queriam, e assim eles publicaram seus poemas à margem.

Sem sonhos a vida se torna um pesadelo!

Sérgio Vaz

